



30^o CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO



25 a 29 de novembro 2024

**Bibliotecas Fortes:
Sociedade Democrática Recife, PE**

Eixo 4 – Ciência da Informação: diálogos e conexões

Modalidade: trabalho

O lugar da Tradição Oral nas produções científicas da Ciência da Informação

The place of oral tradition in scientific production in Information Science

Júlia Raquel Farias da Costa – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Daniela Eugênia Moura de Albuquerque – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Resumo: Esta pesquisa objetiva analisar as produções científicas sobre Tradição Oral na Ciência da Informação. Caracteriza-se como um estudo exploratório, quanti-qualitativo, com levantamento bibliográfico e análises bibliométricas de conteúdo. O *corpus* da pesquisa configura quinze produções científicas indexadas na Base de Dados em Ciência da Informação. Os resultados indicam baixa produção científica sobre Tradição Oral na Ciência da Informação; predomínio das instituições públicas, sobretudo, da Região Sudeste; e o domínio na subárea da Ciência da Informação Memória, Patrimônio e Documento. A Tradição Oral é crucial no contexto acadêmico, indissociável da Ciência da Informação e possibilita debates interdisciplinares.

Palavras-chave: Memória oral. Ciência da Informação. Tradição Oral. Bibliometria. Indicadores de produção científica.

Abstract: This research aims to analyze scientific productions on Oral Tradition in Information Science. It is characterized as an exploratory, quantitative and qualitative study, using bibliographic means and bibliometric and content analysis. The research corpus consists of fifteen scientific productions indexed in the Information Science Database. The results indicate low scientific production on Oral Tradition in Information Science; a predominance of public institutions, especially in the Southeast; and dominance in the subfield of Information Science Memory, Heritage and Document. Oral Tradition is crucial in the academic context, inseparable from Information Science and enables interdisciplinary discussions.

Keywords: Oral memory. Information Science. Oral tradition. Bibliometrics. Indicators of scientific production.



1 INTRODUÇÃO

Ao longo de sua existência, os seres humanos foram capazes de desenvolver diversas tecnologias para alimentar suas culturas. Livros, audiovisuais e documentos iconográficos são objetos elementares da categoria. No entanto, o principal leite intelectual das sociedades, a tradição oral, antecede por séculos os exemplos citados. Possivelmente, essa natureza primeva contribui para seu estado longo. Acompanhando os períodos da humanidade e suas constantes mudanças tecnológicas, a capacidade da cultura oral de se adaptar aos contextos históricos demonstra ser atemporal (Costa, 2024).

Devido à sua complexidade, o conceito de Tradição Oral cai em uma dicotomia familiar aos elementos relacionados à cultura¹. Ao mesmo tempo que ela é tida como o processo pelo qual as tradições são passadas de geração a geração, também é considerada o próprio bem imaterial preservado no tear do tempo (Cruikshank, 2006). Em uma junção das duas propostas, o Projeto de Lei 1.786/2011 (Brasil, 2011) define a manifestação cultural como:

[...] o universo de vivência dos saberes e fazeres da cultura de um povo, etnia, comunidade ou território que é criado e recriado, transmitido e reconhecido coletivamente através da oralidade, de geração em geração, com linguagem própria de percepção, elaboração e expressão, pedagogia de transmissão e política de reconhecimento.

Tendo essa definição em mente, é compreensível o motivo pelo qual a Tradição Oral chamou atenção das Ciências Humanas, sobretudo da História e Antropologia. Entre os métodos utilizados por elas, os estudos etnográficos demonstram ser os principais a beber da cultura verbal. Isso ocorre, em parte, devido à sua contribuição na reconstrução histórica de culturas situadas em tradição escrita recente, ou inexistente. A oralidade, portanto, é a principal fonte testemunhante. Podemos exemplificar nessa condição a população indígena cada vez mais exigindo que suas tradições orais sejam legitimadas como visões históricas. Para eles, o ponto central da questão é se são os

¹ A título de exemplo, no que tange os campos científicos que estudam o patrimônio cultural, muito se discute sobre a configuração dicotômica da categoria, que se divide em material e imaterial. A realidade, no entanto, revela que ambos podem se manifestar tanto individualmente, quanto simultaneamente (Chuva, 2012).



povos originários a representar sua historicidade na literatura acadêmica, ou se essa representação segue consolidada na perspectiva do homem branco (Cruikshank, 2006).

Apesar de ser um elemento interdisciplinar, conectando-se com a História, Antropologia, Pedagogia, Literatura e outras áreas, a Tradição Oral a nível de objeto de investigação tem despertado uma atenção tímida na Ciência da Informação (CI), expressão que designa uma disciplina científica surgida há cinco décadas, inicialmente em contexto estadunidense, britânico e soviético (Araújo, 2018). Ainda que tenham um elo teórico e prático, a cultura verbal como campo temático não demonstra estar solidificada nas produções científicas da CI. Dessa forma, mesmo que os seus cientistas deem palco ao cosmo da tradição oral - a exemplo de pesquisas com abordagem nas manifestações culturais -, o seu lugar nas subáreas da ciência ainda é indefinido.

Essa falta de clareza afeta negativamente as produções científicas da CI que se relacionam com a Tradição Oral, ainda que ela esteja intimamente associada a categorias já exploradas por seus cientistas. Entre elas, destacamos a produção, mediação, uso e preservação da informação, e as fontes informacionais. A saber que a cultura verbal produz conhecimento, ao mesmo tempo que o media e se apresenta como a principal maneira de preservar os saberes tradicionais. Assim, também se faz uma fonte informacional sobre as tradições e a historicidade de povos ágrafos e alfabetizados, que mais do que consultada, pode ser vivenciada (Costa, 2024).

O déficit de um lugar definido para a Tradição Oral nas produções científicas da CI, portanto, deve ser sanado para que ela seja melhor explorada pela área. A esse propósito, essa pesquisa tem como **objetivo** analisar as produções científicas sobre Tradição Oral na Ciência da Informação. Para tanto, propõe-se a:

- a) investigar de que maneira a Tradição Oral está sendo abordada nas produções científicas da Ciência da Informação;
- b) estabelecer um elo das abordagens sobre Tradição Oral nas produções científicas apreendidas com as subáreas da Ciência da Informação;
- c) identificar os conceitos de Tradição Oral utilizados nas produções científicas da Ciência da Informação.

A seção a seguir versa sobre o referencial teórico da pesquisa, intencionando um maior aprofundamento sobre a abordagem da Tradição Oral na literatura científica nacional e internacional. Para esse propósito, utilizamos os textos de



Bâ (2010) sobre Tradição Oral africana; da Cruikshank (2006) e do Freire (1992) a respeito da construção da cultura verbal como objeto de estudo científico; e da Limulja (2022) para exemplificar a utilização da tradição oral em uma pesquisa etnográfica. Em sequência, apresentamos a metodologia empregada e a análise dos dados obtidos. O texto é finalizado com as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender a influência da Tradição Oral nas vivências contemporâneas, é necessário, em primeiro momento, contextualizar sua origem. Uma data exata não é estipulada, no entanto, é sabido que a cultura verbal faz parte da história humana desde o seu primórdio. Ela é a transmissora informacional natural da humanidade, visto que a palavra é a nossa principal maneira de manifestar ideias, valores, costumes, crenças, dentre outros elementos de um imaginário. Em um período em que a oralidade também era a única forma de comunicação, o arcabouço cultural do homem primevo foi construído e repassado tão somente por sua voz (Costa, 2024).

As sociedades do Continente Africano são referências aos estudos da Tradição Oral, pois a oralidade fundamentou os saberes tradicionais dos povos da terra originária do homem. Estes prosseguiram com o culto à voz, que não só consideram mero instrumento vocal, mas sim um intermédio com o celeste. Isso se dá devido a crença de que a origem da palavra é divina, a qual é disseminada por meio dos mitos. Entre as versões mitológicas, no Mali se perpetua a narrativa de que *Maa Ngala*, o Ser Supremo, criador de tudo e todas as coisas, sentiu a necessidade de um interlocutor para conversar sobre suas maravilhas da criação. Por esse motivo, o mestre do universo criou um novo ser, o humano, a qual deu parte do seu primeiro nome: *Maa*. Nasce o homem, nasce a palavra (Bâ, 2010).

Esse novo ser se torna o herdeiro das primeiras vibrações sagradas emitidas por *Maa Ngala*, exaladas por seu sopro etéreo. “Iniciado por seu criador, mais tarde *Maa* transmitiu a seus descendentes tudo o que havia aprendido, e esse foi o início da grande cadeia de transmissão oral (Bâ, 2010, p. 171). Nesse princípio místico, a palavra faz com que a Tradição Oral africana haja em respeito à verdade. A mentira, além de seu viés



imoral, é uma interdição ritualística cuja violação impossibilitaria a função da transmissão oral. A palavra credibiliza a tradição e dá sentido ao ser humano (Bâ, 2010).

Ainda que na cultura africana, a palavra seja empossada de um caráter místico, para os africanos a Tradição Oral não se limita a narrativas, lendas e mitologias, pois “ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial” (Bâ, 2010, p. 169). Sendo assim, a cultura verbal é um segmento político, religioso, social e, sobretudo, cultural. Logo, é um elemento necessário às ciências, em especial aquelas que se dedicam ao estudo da memória, patrimônio e identidade.

Na literatura científica, o conceito de Tradição Oral teve gênese no século XIX, em uma atmosfera intelectual do romantismo europeu. Ao passar do tempo, a noção acadêmica sobre cultura verbal conservou muitas das características que o pensamento romântico lhe atribuiu. A ideia se opunha, por um lado, ao imaginário dos povos ágrafos, que não se preocupavam com uma definição formal. Com autores diversos, como Cruikshank (2006), Vansina (2010) e Moniot (1988), dando diferentes significações científicas à Tradição Oral, seu entendimento foi estruturado com imprecisão. Dessa forma, bem como muitos dos conceitos das Ciências Humanas, a cultura oral é uma entidade mal definida, designando, assim, realidades dispersas (Freire, 1992).

O depoimento impreciso foi um dos pensamentos sobre a Tradição Oral especulados pela ciência, correspondendo o oposto do que os cientistas buscavam para suas investigações. Por não considerarem a cultura verbal viável para suas bases teóricas e práticas, diversas áreas foram lesionadas. A História, possivelmente, foi a mais afetada (Cruikshank, 2006). Joutard (2006) conta que o campo se constituiu cientificamente, desde o século XVII, a partir da crítica da tradição oral e, mais genericamente, do testemunho. Assim, a história da humanidade foi dissociada de sua memória, remetendo tão somente à historicidade de grupos de tradição escrita, historicamente dominantes, e invisibilizando os povos ágrafos.

Em dado momento, iniciaram-se discussões na História e Antropologia levantadas por questões urgentes nos meios de comunicação de massa, exposições de museus e na literatura popular e acadêmica, sobre como as representações históricas de povos ágrafos são construídas e adquirem autoridade. Um ponto em pauta nesses



debates diz respeito a condição das Tradições Oraís indígenas como fontes da grande variedade de abordagens sobre sua historicidade - melhor dizendo, sua memória. A principal indagação dos historiadores e antropólogos se referia a quem cabia formular e contar a história dos povos originários. Ou seja, quais vozes se destacavam e quais eram marginalizadas (Cruikshank, 2006).

É importante pontuar que, segundo Freire (1992), ainda que o nascimento dos estudos da tradição oral tenha se voltado às sociedades ágrafas, é interessante observar uma crescente de processos de recuperação da cultura verbal de povos que têm uma longa e forte tradição literária. O fato é que nada prova, *a priori*, que a escrita oferece um relato da realidade mais fidedigno do que o testemunho oral.

O reconhecimento da Tradição Oral como evidência histórica ofereceu aos pesquisadores um novo instrumento a serviço de seus estudos, em especial a etnografia (Cruikshank, 2006). Em “O desejo dos outros”, Hanna Limulja (2022) nos mostrou com excelência o quanto a cultura verbal é essencial para conhecermos, de fato, uma comunidade oral. A obra nasceu da tese de doutorado da autora, que conviveu ao longo de quase um ano com os *yanomami* da comunidade *Pya ú*, na região Toototopi, fronteira do Brasil com a Venezuela. Nesse período, os indígenas da comunidade compartilharam com a pesquisadora centenas de sonhos que tiveram, bem como suas implicações para a vida cotidiana local.

Da experiência, Limulja (2022) apreendeu o quanto a tradição *yanomami* é fundamentada pelos seus sonhos. Na relação entre esses povos e o sonhar, há um processo em que o sonhado é contado, e as simbologias apreendidas no onírico adquirem funções práticas, sociais e políticas na cadeia da vida da comunidade. O sonho quando socializado se torna assunto de dimensão coletiva, de temas corriqueiros - cortar os matos ou trocar as folhas velhas do teto - a políticos - a importância de manter relações com determinadas comunidades.

Afora a História e Antropologia, outros campos interdisciplinares desenvolveram pesquisas em que a Tradição Oral se faz presente. Entre eles, está a CI. Apesar disso, a cultura verbal não possui um posicionamento consistente na área. Um dos possíveis fatores para essa realidade está relacionado ao consciente acadêmico do campo. Embora a informação seja o principal objeto de estudo dos cientistas informacionais, suas discussões se concentram, significativamente, no conhecimento registrado. Essa



atitude pode ter feito com que os debates sobre o saber oral caíssem em um ostracismo por um tempo na CI, sendo recente a crescente de autores falando sobre ela. Para que a cultura verbal garanta um maior aprofundamento na área, é necessário que suas produções científicas situem com clareza a temática em suas bases teóricas.

O artigo científico de Costa e Albuquerque (2024) é um exemplo de pesquisa na CI onde as pesquisadoras relacionaram a Tradição Oral com objetos de estudo já explorados por sua ciência. Nele, foi proposto a identificação de como os equipamentos informacionais do Nordeste brasileiro estão se relacionando com os griôs² de sua região. Para tanto, em seu referencial teórico, as autoras estabeleceram associações precisas entre a cultura verbal griô com a mediação da informação e a ação cultural, disciplinas já consolidadas na literatura científica da CI. Determinando essas coexistências, os cientistas da informação projetam a Tradição Oral no campo interdisciplinar, contribuindo para a preservação dos saberes tradicionais, ao mesmo tempo que se enriquecem com novas fontes de conhecimento e instrumentos metodológicos.

3 METODOLOGIA

Caracteriza-se como uma pesquisa predominantemente exploratória quanto aos seus objetivos e de natureza quanti-qualitativa, utilizando o levantamento bibliográfico constituído de livros e artigos científicos (Richardson, 2017). As análises foram bibliométricas (Maricato, 2011) e de conteúdo (Bardin, 2008). O estudo foi desenvolvido de acordo com duas etapas descritas a seguir.

ETAPA 1 - LEVANTAMENTO DE DADOS

- a) **Busca nas bases de dados:** o *corpus* da pesquisa configura um cenário de 15 artigos científicos indexados pela Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci), sem delimitações temporais, filtros e buscas avançadas. Para recuperar os trabalhos, utilizou-se o descritor “tradição oral”, que resultou em 27 artigos

² Segundo Pacheco (2015, p. 64), o griô é “[...] todo(a) cidadão(ã) que se reconheça e seja reconhecido(a) pela sua própria comunidade como herdeiro(a) dos saberes e fazeres da tradição oral e que, através do poder da palavra, da oralidade, da corporeidade e da vivência, dialoga, aprende, ensina e torna-se a memória viva e afetiva da tradição oral, transmitindo saberes e fazeres de geração em geração, garantindo a ancestralidade e identidade do seu povo”.

retornados, dos quais apenas 15 atenderam aos objetivos da pesquisa. Ou seja, aqueles que, de fato, abordassem a Tradição Oral, seja como objeto de estudo ou como instrumento de análise das pesquisas. A busca foi realizada em 29 de junho de 2024.

- b) **Seleção dos registros:** optou-se por uma leitura técnica com base nos critérios de inclusão, a saber: autor, título, resumo, palavras-chave, introdução e referencial teórico. Cabe destacar que trabalhos em eventos foram considerados, visto que a Brapci atua em conjunto com a base Benancib³ desde julho de 2022. No decorrer das buscas foram encontrados: a) textos que não eram artigos e trabalhos em eventos, sendo desconsiderados pela pesquisa, por exemplo, entrevistas e atas de qualificação; b) duplicidade de publicações, em que se contabilizou somente um único artigo para cada repetição, respeitando a ordem das buscas; c) arquivos de extensão *Portable Document Format* (PDF) com problema no link e/ou não disponível para o download, na qual a obtenção do texto na íntegra foi realizada através do site oficial da revista, sem recusar o artigo do corpus da pesquisa; e d) uma única menção do termo que não correspondia ao intuito do estudo. O recurso do software *Microsoft Excel* facilitou o manuseio e a inserção dos metadados que foram padronizados por: identificação (ID)⁴, autor, título, ano, instituição, periódico, modalidade, WebQualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)⁵, observações e temática.

ETAPA 2 – ANÁLISE DOS DADOS

- a) Construção dos indicadores: a partir do corpus da pesquisa e dos dados organizados na Etapa 1, foram construídos *rankings* utilizando a análise bibliométrica. Esses *rankings* incluem: instituição mais produtiva, distribuição temporal das produções, produtividade dos autores e abordagens temáticas.

³ Repositório que congrega as comunicações desenvolvidas no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Enancib), realizado anualmente pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB).

⁴ A identificação foi criada com base na ordem da busca das publicações relevantes, em que cada texto recebeu a sinalização A (artigo), acompanhando um algarismo arábico. Ex.: A1, A2, A3...

⁵ De acordo com a plataforma Sucupira em seu quadriênio 2017-2020.



- b) Abordagens das subáreas da Ciência da Informação e conceituais: na análise de conteúdo (Bardin, 2008), foram seguidos os três polos: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Os dois primeiros polos congregam as análises bibliométricas descritas na Etapa 1 no quesito: leitura flutuante; escolha dos documentos; preparação do material; recorte; enumeração; e classificação e agregação. No entanto, durante o polo “exploração do material”, as operações de codificação “classificação e agregação” não foram distribuídas em categorias, unidades de registro e frequência. Optou-se por um modelo mais simples que consistiu nas subáreas da Ciência da Informação (Araújo, 2018), atendendo assim aos propósitos da pesquisa.

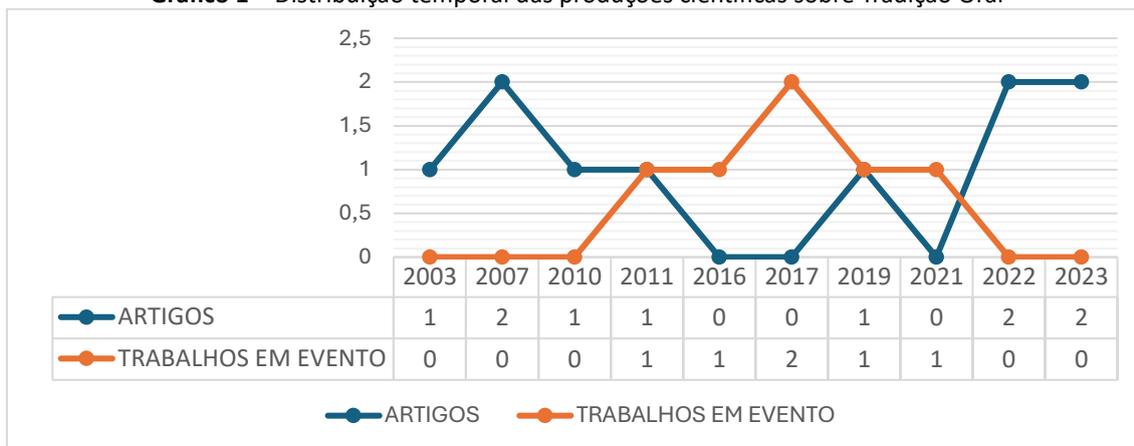
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeiramente, foi conduzida uma análise bibliométrica que ajudou a construir indicadores sobre a produtividade de autores, instituições e periódicos. Esse processo permitiu avaliar a contribuição científica das publicações e identificar tópicos emergentes no contexto acadêmico-científico. Em seguida, realizou-se a etapa qualitativa, com base no referencial teórico e nos objetivos da pesquisa por meio da análise de conteúdo.

4.1 Cenário das produções científicas

No Gráfico 1 tem-se o cenário das publicações sobre Tradição Oral dos últimos nove anos, indexado pela primeira vez na Brapci em 2003. Ou seja, uma temática recente no campo da Ciência da Informação. O ano de 2007 estreou com dois artigos, e a partir de 2010 e 2011 observa-se uma equidade no número de produções. No entanto, após quatro anos, as publicações retomam em um nível elevado, com destaque para os anos de 2017, 2019, 2022 e 2023 que mantiveram duas produções regulares para cada ano.

Gráfico 1 – Distribuição temporal das produções científicas sobre Tradição Oral



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

Descrição: #ParaTodosVerem. Um gráfico em formato linhas com códigos e legendas. A primeira linha na cor azul, representa os artigos e a segunda linha na cor laranja os trabalhos em evento. Na lateral esquerda encontram-se a disposição numérica arábica em ordem decrescente a partir da quantidade 2,5 a 0. Na legenda os artigos e trabalhos em eventos são distribuídos de maneira temporal entre o ano 2003 a 2023.

Nota-se que o Gráfico 1 foi dividido em artigos e trabalhos em evento, resultaram em 60% e 40% das modalidades, respectivamente. Os trabalhos em evento entraram em cena no ano de 2011 no XII Enancib, do Grupo de Trabalho (GT) 10 Informação e Memória, com a comunicação oral intitulada “A biblioteca pública na (re)construção da identidade negra” das autoras Francilene do Carmo Cardoso e Nanci Gonçalves da Nóbrega. Cabe enfatizar que dos seis trabalhos em eventos do Enancib, cinco pertencem ao GT 10, e somente um ao GT 6 Informação, Educação e Trabalho, publicado em 2010 por Felícia de Oliveira Fleck e Miriam Vieira da Cunha, com o título “Contar histórias na biblioteca: relatos de contadores do Sul do Brasil”.

Em decorrência da distribuição temporal, buscou-se sistematizar na Tabela 1 os periódicos e seus respectivos Qualis que receberam estas publicações.

Tabela 1 – Distribuição dos artigos de periódicos

PERIÓDICOS	QUALIS
Acervo (Arquivo Nacional)	A1
Ágora: Arquivologia em debate	B1
Bibliomar	B2
Comunicação & Informação	B2
Informação & Informação	A2
Páginas A&B	A4
Revista Eletrônica de Comunicação, Informação	A3
Revista EDICIC	B3
Revista Interamericana de Bibliotecología	A2
Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação	B1

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).



Descrição: #ParaTodosVerem. Uma tabela disposta na cor branca e verde escuro, ênfase 3, mais claro 80%, com duas colunas, sendo a primeira (lado esquerdo) intitulada “periódicos” e a segunda (lado direito) “qualis”, totalizando dez linhas. Na primeira linha, a cor é verde, ênfase 6, mais escuro 50%, e a cor da letra é branca, em caixa alta e negrito.

Entre os 15 trabalhos analisados, 10 estão publicados em periódicos⁶, sendo dois, especialmente, da área da Arquivologia, “Acervo” e “Ágora”, mas que no escopo temático dos artigos analisados trouxe elementos fulcrais da Ciência da Informação. A concentração semelhante de 50% para o Qualis A e B, comprova a preferência de publicação de artigos em periódicos com boa avaliação pela CAPES. Destaque para as revistas “Informação & Informação” e “Revista Interamericana de Bibliotecología”, ambas com classificação A2, sendo periódicos renomados, assim como a revista “Acervo” de Qualis A1. Diante das estratificações, 40% dos periódicos são de Qualis B1 e B2, com duas publicações cada e 20% de Qualis A2, também com o mesmo quantitativo de produção.

Diante da produção por autores, uma análise foi realizada com o intuito de identificar o *ranking* de produtividade. Foram considerados os autores que publicaram o mínimo de dois trabalhos. Logo, cinco autores configuraram entre o primeiro e segundo lugar do *ranking*, ilustrado na Tabela 2. É válido pontuar que, nesta análise, as relações de coautoria foram desconsideradas, na qual um artigo pode ser atribuído a mais de um autor. Ao todo, o *corpus* da pesquisa englobou 21 autores.

Tabela 2 – Autores mais produtivos na temática Tradição Oral

RANKING	AUTORES	Σ
1	Edison Luís dos Santos	3
1	Marcos Luiz Mucheroni	3
2	Carlos Henrique Juvêncio	2
2	Fernando Corteze	2
2	Ricardo Oliveira de Freitas	2

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

Descrição: #ParaTodosVerem. Uma tabela com três colunas, sendo a primeira (lado esquerdo) intitulada “ranking”, a segunda (meio) “autores” e a terceira (lado direito) pela letra grega maiúscula sigma “Σ”, o símbolo de somatório. A tabela tem seis linhas. Na primeira linha, a cor é azul-petróleo escuro, ênfase 1, mais escuro 25% e a letra está na cor branca, em caixa alta e negrito. Na terceira e quarta linha, a cor é azul escuro, texto 2, mais claro 75%. Nas demais linhas, a cor é azul escuro, texto 2, mais claro 90%.

Os autores Edison Luís dos Santos e Marcos Luiz Mucheroni ocupam o primeiro lugar do *ranking* com três publicações sobre Tradição Oral. Cabe enfatizar que há relação

⁶ O artigo A12, “A biblioteca pública na (re)construção da identidade negra” foi publicado tanto em periódico quanto nos anais do Enancib. Logo, as duas publicações foram contabilizadas.



de autoria entre os dois autores acima mencionados, assim como integram o mesmo tipo de modalidade “trabalho em evento”, sendo todos do GT 10 Informação e Memória do Enancib, no espaço temporal de 2016, 2019 e 2021. Logo após, Carlos Henrique Juvêncio, Fernando Corteze e Ricardo Oliveira de Freitas aparecem no segundo lugar do *ranking* com duas publicações. Novamente, temos co-autoria, dessa vez entre Carlos Henrique Juvêncio e Fernando Corteze na modalidade “artigo” nos anos de 2022 e 2023, tecendo a Tradição Oral sob a perspectiva das questões afro-brasileiras. O autor Ricardo Oliveira de Freitas, segue na mesma ótica, sobretudo, nas religiões afro-brasileiras interligando as mídias digitais, considerado com base na distribuição temporal (Gráfico 1), o primeiro autor a publicar sobre Tradição Oral em 2003.

Da constelação de instituições pertencentes a esses autores, baseado nos 15 artigos, identificamos 10 organizações⁷, todas são universidades públicas das Regiões Centro-Oeste, Nordeste, Sudeste e Sul. A Região Sudeste teve o maior índice de publicações, representando 56,25% com destaque para a Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal Fluminense (UFF) que obtiveram quatro e três ocorrências, respectivamente. Em seguida, a Região Nordeste aparece com 25% das produções e quatro ocorrências nos estados do Ceará, Cariri, Paraíba e Bahia. A Região Centro-Oeste demarca uma única instituição com duas ocorrências, a Universidade Federal de Goiás (UFG) exibindo 12,5% das publicações. Por fim, a Região Sul encerra com uma ocorrência da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com um percentual de 6,25%.

4.2 A Tradição Oral na Ciência da Informação

Para estabelecer um elo das abordagens sobre Tradição Oral nas produções científicas apreendidas na Brapci com as subáreas da CI, foi necessário, em primeiro momento, identificar os seus objetos de estudo e objetivos gerais. O prosseguimento dessa etapa, o qual se concentrou nas associações, foi orientado conforme o cientista informacional Araújo (2018). Em seu texto, o autor conta que os estudos dos pesquisadores da informação são atribuídos às subáreas de sua ciência. São elas: Teoria Matemática e Teoria Sistêmica; Produção e Comunicação Científica; Gestão da

⁷ No artigo A1, intitulado “Vestindo o personagem”: o contador de histórias do século XXI, as autoras Izabel França de Lima e Lídia Eugênia Cavalcante são da UFC e Laiana Ferreira de Sousa da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ressaltando que levamos em consideração os dados dos autores e o ano de publicação informados no artigo.



informação; Estudos sobre os sujeitos; Organização e Representação da Informação; Economia Política da Informação; Estudos métricos; e Memória, Patrimônio e Documento (Araújo, 2018).

Diante da associação dos objetos de estudo juntamente dos objetivos gerais dos artigos com as subáreas da CI, esquematizamos a Tabela 3. Salientamos que determinados materiais possibilitaram encaixe em mais de uma categoria, no entanto, consideramos o aspecto de predominância para nossas indicações.

Tabela 3 - Categorização dos trabalhos indexados na Brapci conforme as subáreas da Ciência da Informação

SUBÁREAS	NÚMERO DE ARTIGOS
Memória, Patrimônio e Documento	8
Economia Política da Informação	4
Estudos sobre os sujeitos	3

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

Descrição: #ParaTodosVerem. Uma tabela com duas colunas, sendo a primeira (lado esquerdo) intitulada “subárea” e a segunda (lado direito) “número de artigos”. A tabela tem quatro linhas. Na primeira linha, a cor é ameixa escuro, ênfase 5 e a letra está na cor branca, em caixa alta e negrito. Nas demais linhas, a cor é ameixa escuro, ênfase 5, mais claro 80% e a letra está na cor preta.

Em primeiro momento, é relevante destacarmos que a Teoria Matemática e Teoria Sistêmica; Produção e Comunicação Científica; Gestão da informação; Organização e Representação da Informação e Estudos Métricos foram subáreas não exploradas pelos artigos aqui analisados.

No que se refere às subáreas presentes, como bem pode ser observado, “Memória, Patrimônio e Documento” possui uma maior representatividade. Para compreendermos como os autores exploraram a Tradição Oral na categoria, foi necessário estabelecermos relações comuns entre os conteúdos das produções científicas com a subárea. Havendo esse processo comparativo, apreendemos que os trabalhos comumente relacionam o estudo da memória com a informação e a cultura verbal.

Quanto à subárea “Economia Política da Informação”, em segunda colocação, os artigos que se adequaram à categoria têm um elo comum por discorrerem sobre a Tradição Oral associada a elementos como a arqueologia da sociedade da informação e a disseminação e inclusão informacional.

Já no que se refere à subárea “Estudos sobre os sujeitos”, a relação comum entre os três artigos categorizados se deu no fato da tríade tratar de assuntos como o uso,



comportamento, mediação e apropriação da informação, sob um perfil de indivíduos que têm a tradição oral nas suas práticas informacionais.

Ademais, sabendo da importância de um posicionamento conceitual para a solidificação dos objetos científicos, buscamos identificar os conceitos utilizados pelos pesquisadores para definir Tradição Oral. Para tanto, nos atentamos a possíveis sinônimos que pudessem passar despercebidos - o que, no fim das contas, não ocorreu. O Quadro 1 foi elaborado para demonstrar essa apreensão, ordenando cada artigo e as conceituações apresentadas, bem como as autorias citadas. Os materiais que não estabeleceram uma significação a cultura verbal não foram incluídos no Quadro 1.

Quadro 1 - Conceito de Tradição Oral nos trabalhos indexados na Brapci

ARTIGOS	CONCEITO DE TRADIÇÃO ORAL	AUTORIA CITADA
<p>CORTEZE, Fernando; JUVÊNCIO, Carlos Henrique.</p> <p>O contraste entre a oralidade e a escrita nos terreiros de candomblé: os cadernos de fundamentos como parte da memória de uma religião.</p>	<p>A tradição oral é vista também como um meio de transmissão de conhecimento, principalmente em sociedades que não utilizam a escrita como meio de comunicação e preservação do saber, a oralidade permitiu constituir grande parte do que hoje é vista como memória coletiva.</p>	<p>(Pomian, 2000)</p>
<p>FARIA, Keyla Rosa de; GOMES, Suely Henrique de Aquino.</p> <p>Tecnologia social e inclusão: a tradição oral no acesso à informação por pessoas com síndrome de down.</p>	<p>“testemunho transmitido oralmente de uma geração para outra. Por meio da História Oral e suas metodologias pode-se resgatar tradições rurais e urbanas como cantigas de roda, brincadeiras e histórias infantis”.</p>	<p>(Rezende, 2017)</p>
<p>SANTOS, Edison Luís dos; MUCHERONI, Marcos Luiz.</p> <p>Memória e informação: a esfera de saberes dos mestres da tradição oral.</p>	<p>“[...] saber que é transmitido de geração em geração, e que reinaugura a cada novo nascimento a reprodução de si própria. A tradição oral pode ser entendida como um saber que habita o corpo e que se expressa pelo contar histórias, pelo encantamento sonoro e por objetos que carregam uma longa historicidade”.</p>	<p>(Lazaneo et al., 2015, p. 250)</p>



<p>SANTOS, Edison Luís dos; MUCHERONI, Marcos Luiz.</p> <p>Dispositivo antropotécnico como lugar de memória e partilha de saberes em comunidades de tradição oral.</p>	<p>"A tradição oral é a grande escola da vida e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desorientar a mentalidade cartesiana acostuada a separar tudo em categorias bem definidas. [...] Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial".</p>	<p>(Bâ, 1982, p. 183)</p>
	<p>"Tradição oral ou conhecimento oral são expressões que se relacionam com os saberes tradicionais. A tradição oral é a cultura material e tradição transmitida oralmente de uma geração para outra".</p>	<p>(Vansina, 1985)</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

Descrição: #ParaTodosVerem. Um quadro com três colunas, sendo a primeira (lado esquerdo) intitulada "artigos", na qual estão descritos os nomes dos autores e os títulos dos artigos; a segunda (meio) "conceito de tradição oral", que compõem as citações de Tradição Oral encontradas nos artigos; e a terceira (lado direito) "autoria citada", incluindo a citação de cada definição. O quadro tem seis linhas, sendo a última interligada com a quinta por apresentar dois conceitos de Tradição Oral no mesmo artigo. Na primeira linha, a cor é laranja, ênfase 2, mais escuro 25% e a letra está na cor branca, em caixa alta e negrito. Nas demais linhas, a cor é laranja, ênfase 2, mais claro 80% e a letra está na cor preta.

Dessa forma, das quinze produções científicas, somente quatro abordaram o conceito de Tradição Oral. A causa disso aponta para dois fatores que se destacaram em nossas reflexões: o objeto de estudo dos pesquisadores não ser a cultura verbal, assim como seus objetivos não a terem em evidência. Com isso, os autores possivelmente não sentiram necessidade de significar tal elemento.

Para chegarmos a tal possibilidade, identificamos que os fenômenos estudados em peso pelos materiais analisados possuem um vínculo com a cultura oral, no entanto, esta se faz coadjuvante em suas discussões. De forma que determinados artigos trouxeram definições para elementos familiares à Tradição Oral, como a significação para "tradição", no texto de Rocha e Silva (2007). Não se tratando de um sinônimo, tais itens não foram cabíveis à proposta estabelecida. Destacamos, ainda assim, que a mensagem sobre a tradição oral esteve presente nos quinze artigos, seja ela silenciosa, ou explícita.

É importante salientar as semelhanças entre os conceitos empregados, no que se refere a associação da tradição oral tanto como o próprio saber tradicional, quanto como



o instrumento para transmiti-lo de geração a geração. Estas são referências que percebemos ser deveras utilizadas pelos estudiosos da cultura verbal, como bem apontamos em nossa introdução ao abordarmos a dicotomia em seu significado.

O nosso interesse ao destacar a autoria citada para a definição de Tradição Oral, seja nas citações diretas, seja nas indiretas, relaciona-se ao fato de que a identificação da área científica dos autores supracitados nos oferece um panorama de quais campos são referenciais para as produções científicas analisadas. Com esse princípio, buscamos identificar o perfil de atuação de Lazaneo *et al.* (2015), Bâ (1982), Vansina (1985), Rezende (2014) e Pomian (2000). Logo, constatamos ser a Comunicação, Etnologia e História os principais referenciais intelectuais dos conceitos de tradição oral acentuados pelos materiais analisados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados e interpretados nos levam a inferir que o lugar da Tradição Oral na CI, embora indefinido em teoria, já se concentra nas subáreas do campo, com ênfase na categoria Memória, Patrimônio e Documento. Sendo assim, é preciso reconhecer que a temática da cultura oral é crescente em nosso contexto acadêmico, apesar de a quantidade de trabalhos identificados e analisados não possa ser considerada expressiva. Os materiais existentes possibilitam um norteamento a futuros estudos dos cientistas informacionais, brasileiros e estrangeiros, sobre tradição oral. Expressando, assim, uma abertura ao posicionamento teórico da temática no campo da informação.

Quanto ao conceito de Tradição Oral na CI, baseando-nos no que foi expresso pelos artigos analisados, inferimos que muito há a se beber de outros campos interdisciplinares, como a Comunicação, Etnologia e História, para a estruturação de um significado próprio a cultura verbal em nossa ciência.

Paralelamente, este trabalho apresentou indicadores de produtividade sobre Tradição Oral, utilizando a literatura científica indexada pela Brapci. Percebe-se que há poucas produções na temática, além de serem recentes. Em contrapartida, há autores envolvidos na temática, podendo ser estes os que irão proporcionar demais estudos sobre a Tradição Oral, a saber: Carlos Henrique Juvêncio, Edison Luís dos Santos,



Fernando Corteze, Marcos Luiz Mucheroni e Ricardo Oliveira de Freitas. Assim como, houve relações de autoria e co-autoria entre os autores encontrados em 12 trabalhos.

Os periódicos apresentaram avaliações com classificação de A1 a B3 no WebQualis da CAPES. As instituições públicas, especialmente, as universidades dominam a produção sobre Tradição Oral, sendo em sua grande maioria, na Região Sudeste. Correlato a isso, os indicadores mostraram acentuados índices de temáticas direcionadas para os campos afro-brasileiros, inclusivos, tecnológicos e da mediação da informação.

Para trabalhos futuros, pretende-se explorar as bases de dados internacionais sobre a produção científica da Tradição Oral, a fim de estabelecer elos comparativos de bases nacionais e internacionais, assim como estudar as redes de colaboração entre os autores.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é Ciência da Informação?** Belo Horizonte: KMA, 2018.

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. *In*: KI-ZERBO, Joseph (coord.). **História geral da África, Vol. I.** São Paulo: Ática-Unesco, 1982.

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. *In*: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História geral da África I: metodologia e pré-história da África.** 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2008.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 1786, de 6 de Julho de 2011.** Institui a Política Nacional Griô, para proteção e fomento à transmissão dos saberes e fazeres de tradição oral. Brasília, DF, 6 jul. 2011. Disponível em: <http://www.leigrionacional.org.br/files/2013/05/PL-Lei-Griô-Nacional-1786-2011.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2023.

CARDOSO, Francilene do Carmo; NÓBREGA, Nanci Gonçalves. A biblioteca pública na (re)construção da identidade negra. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais [...]** Brasília: [s. n.], 2011. Não encontrado no texto

CHUVA, M. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. **Revista do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional**, Brasília, DF, n. 34, p. 147-165, 2012.

Disponível em:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/CHUVA_Marcia_Por-uma-historia-da-nocao-de-patrimonio-cultural.pdf. Acesso em: 9 jul. 2024.



CORTEZE, Fernando; JUVÊNCIO, Carlos Henrique. O contraste entre a oralidade e a escrita nos terreiros de candomblé: os cadernos de fundamentos como parte da memória de uma religião. **Ágora**, Florianópolis, v. 32, n. 64, p. 1-22, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/228629>. Acesso em: 9 jul. 2024.

COSTA, Júlia Raquel Farias da; ALBUQUERQUE, Daniela Eugênia Moura de. O papel informativo do Griô nos equipamentos informacionais do Nordeste do Brasil. **P2P & Inovação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 10, n. 2, p. 1-22, 2024. Disponível em: <https://revista.ibict.br/p2p/article/view/6971>. Acesso em: 3 jul. 2024.

COSTA, Júlia Raquel Farias da. **As veredas da informação e a anfêmeridade da tradição oral**: o papel informativo do Griô nos equipamentos informacionais da Região Nordeste do Brasil. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Uso e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FARIA, Keyla Rosa de; GOMES, Suely Henrique de Aquino. Tecnologia social e inclusão: a tradição oral no acesso à informação por pessoas com síndrome de down. **Revista EDICIC**, San José, Costa Rica, v. 2, n. 4, p. 1-9, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/259437>. Acesso em: 9 jul. 2024.

FLECK, Felícia de Oliveira; CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira da. Contar histórias na biblioteca: relatos de contadores do Sul do Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2017.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Tradição oral e memória indígena: a canoa do tempo. *In*: Carvalho, Ana Maria de Bulhões. **América**: descoberta ou invenção. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

FREITAS, Ricardo Oliveira de. Candomblé e mídia: breve histórico da tecnologia das religiões afro-brasileiras nos e pelos meios de comunicação. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 63-88, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/42937>. Acesso em: 9 jul. 2024.

FREITAS, Ricardo Oliveira de. Religiões afro-derivadas na web: cyberterreiros e afrodiáspora global. **RECIIS**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 70-80, set. 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/133691>. Acesso em: 9 jul. 2024.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Uso e abusos da História oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LAZANEO, Caio de Salvi; BATTISTELLA, Roberta Navas; BAIRON, Sérgio. Fundamentos da produção partilhada do conhecimento e saber do Mestre Griô. **Revista Diversitas**, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 246-265, 2015. Disponível em:



<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002704894.pdf>. Acesso em: 17 set. 2024.

LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros**: Uma etnografia dos sonhos yanomami. [S. l.]: Ubu Editora, 2022.

MARICATO, João de Melo. Procedimentos metodológicos em estudos bibliométricos e cientométricos: opções e reflexões no contexto dos processos de recuperação e organização da informação. *In*: COSTA, Rogério Luiz Moraes (org.). **Estudos contemporâneos em comunicações e artes**: melhores teses e dissertações da ECA/USP. São Paulo: ECA/USP, 2011. p. 1-19.

MONIOT, Henri. A história dos povos sem história. *In*: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). **História**: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

PACHECO, Lilian. A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade. **Diversita**, São Paulo, a. 2, n. 3, p. 22-99, set. 2014/mar. 2015.

POMIAN, Krzysztof. Memória. *In*: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2000.

REZENDE, Eliana. **História oral**: o que é? Para que serve? Como se faz?. [S. l.]: ER Consultoria Gestão de Informação e Memória Institucional, 2017. Disponível em: <https://www.eliana-rezende.com.br/2017/08/17/historia-oral-o-que-e-para-que-serve-como-se-faz/>. Acesso em: 17 set. 2024.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

ROCHA, Nilton José dos Reis; SILVA, Kelly Cristina Rodrigues. Oralidade - e o povo sobrevive na sua fala reinventada. **Comunicação e Informação**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 114 - 125, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/67215>. Acesso em: 9 jul. 2024.

SANTOS, Edison Luís dos; MUCHERONI, Marcos Luiz. Dispositivo antropotécnico como lugar de memória e partilha de saberes em comunidades de tradição oral. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Bahia. **Anais [...]**. Bahia: [s. n.], 2016.

SANTOS, Edison Luís dos; MUCHERONI, Marcos Luiz. Memória e informação: a esfera de saberes dos mestres da tradição oral. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: [s. n.], 2019.

SOUSA, Laiana Ferreira de; LIMA, Izabel França de; CAVALCANTE, Lídia Eugênia Cavalcante. "Vestindo o personagem": o contador de histórias do século XXI. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2017.



TRIQUES, Maria Lígia; ALBUQUERQUE, Ana Cristina de. O lugar do termo patrimônio cultural nos estudos contemporâneos da Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2022, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. *In*: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História geral da África I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

VANSINA, Jan. **Oral tradition as history**. London: James Currey Publishers, 1985.